

ASSOCIAÇÕES DE BAIRRO E DE MORADORES

# ESTARÃO AS PRANCHETAS MUDANDO DE RUMO ?

Para que este artigo tenha sentido devo começá-lo discutindo o conceito de comunidade. Para falar a verdade, a idéia não me agrada muito. Ainda há pouco tempo fiz uma exposição sobre o assunto em um encontro promovido pelo IAB e ABI<sup>1</sup> onde me senti obrigado a discorrer sobre os equívocos de que estão carregados os usos das categorias "comunidade" e "ação comunitária". Entendo que esses equívocos não são gratuitos e que encobrem posturas ideológicas latentes. Imagino também que o uso de categorias com um valor significativo puro, desvinculado da enorme variedade dos seus significados, serve para encobrir ações que, em última análise, traem seu conteúdo reacionário ou falsamente comprometido.

Foi-me sugerido repetir por escrito o discurso apresentado na ABI. Fico frente a um impasse e entre duas opções. Em primeiro lugar, registro que já existe literatura abundante sobre o tema e que não é muito conveniente abordá-lo de forma ligeira. Em segundo lugar, considero que sou um dos poucos em meu campo profissional que tem experiências concretas de trabalho na área; no momento em que outras pessoas se mostram interessadas e ansiosas é hora de, nas palavras de Aldo Van Eyck, "pensar rápido e apontar as estrelas antes que os foguetes partam".<sup>2</sup> Seria o caso então de ser menos teórico e de apresentar idéias que, mesmo prescindindo de maiores valores acadêmicos, ajudem os outros a tomarem posições relativas às suas respectivas práxis. Afinal, esta é a escolha que mais me agrada; para que exista a arquitetura ela tem o tempo todo de ser reafirmada enquanto prática sobre o espaço, a ser executada por gente cuja especialidade seria a de refletir sobre esta prática e a de transformá-la em conhecimento.

Para ser coerente com o que eu mesmo postulo como sendo a profissão e seu objeto, resolvo que não vou me interessar muito pelos aspectos acadêmicos da minha questão inicial. Não nego todo o interesse genérico e meu em particular sobre conceitos e significados de Comunidade. Porém vejo o arquiteto como um profissional que se recorta e se destaca dos outros pela sua habilitação em ser criativo. Nós aprendemos a absorver tudo de uma forma bruta e antropofágica e a devolver esta cultura indigesta sob a forma de "virações". Frente às nossas condições, onde o que se deseja e não se faz de qualquer maneira é sonho perdido, considero o exercício saudável, à maneira dos gestos desordenados dos adolescentes. O que me preocupa muito agora, e na preocupação incluo mesmo o futuro e a sobrevivência

da profissão, é saber se a "viração" a esmo pode virar estratégia eficiente<sup>3</sup> e se desta prática atabalhoada pode ser feita uma teoria. Considero, portanto, o que estou escrevendo com uma pequena contribuição neste sentido e desde logo me desculpo frente a puristas e exegetas. O que apresento são idéias tiradas de vivências de campo, de reflexões próprias e de discursos alheios com uma preocupação mínima e rastrear origens.

Antes de falar sobre comunidade, convém explicar por que podem ser feitas pontes entre comunidades e trabalho de arquitetos. Para pôr os pingos nos ii desde o começo, preciso que declare que vejo a arquitetura como o espaço criado pelo homem e habitável por ele no exercício de atividades determinadas por suas formas de cultura. O próprio espaço assim gerado é ele também uma representação cultural e retroalimentador das estruturas sociais. O espaço arquitetônico pré-existe ao arquiteto enquanto profissional e pode muito bem viver sem ele. Se não fosse a tendência

---

## Para os homens, a obra de construção civil; para as mulheres, o quarto de empregada

---

errada de ler apenas a história pelos valores e idiossincrasias das classes dominantes, seria fácil constatar que a maior parte da arquitetura simplesmente digna do nome (não a monumental, a eterna, a grandiosa) jamais viu dedo de arquiteto. No nosso país mesmo, é evidente que o que de melhor se faz em arquitetura atual não tem nada a ver com prancheta. Enquanto isto as chamadas "obras arquitetônicas" são vazias e pretensiosas, talvez devido a se auto-justificarem em seu nome.

Dentro de uma sociedade como a brasileira, acredito que os arquitetos tenham poder. Se têm capacidade ou não de usá-lo, esta é outra história. Afinal, é nossa a autoridade de dizer o que é e o que não é arquitetura. Damos sentido ao que nos dá sentido. Para valermos alguma coisa, temos de tomar a prática que fazemos em cima e às custas da sociedade brasileira e transformá-la em conhecimento através de uma química de reflexões sucessivas. É claro que não há "práticas primeiras" e que toda prática tem de ser precedida por prospecções, hipóteses, campos simbólicos ideológicos e de referência intelectual garantidores. Eriç

1. 1ª Semana de Debates sobre o Rio de Janeiro, tema "Vida Comunitária" — Rio, 8 a 16 de outubro de 1977.

2. Van Eyck, Aldo et aliteri — "Team 10".

3. A precisão dos vários significados da eficiência será que tioneada adiante.

porém, tais corpos ideológicos, sem mais, em "princípios da arquitetura", sem procurar através da evidência empírica, a maneira de relativizá-los frente ao que os condiciona não parece ser uma escolha muito dignificadora da inteligência. Por infelicidade a arquitetura brasileira por muito tempo negou um exercício dialético, preferindo em seu lugar a alienação (no sentido primeiro do termo, só era o "outro lado"). Alienação das mais graves, porque se julgava o contrário.

**Constatei antes que um grupo de pessoas se mostrava interessada e ansiosa por uma nova ordem de coisas. Esses arquitetos estão percebendo que o que conta em arquitetura não é ela, mas o que involucra (para-arquitetura) e o que significa um edifício materializado além da sua materialidade (meta-linguagem arquitetônica).** Sabem que é preciso buscar a justificativa da obra arquitetônica nas atividades concretas, nos grupos de populações que as exercem e nos seus porquês econômicos, simbólicos e rituais. Sabem também que espaço bom é o que responde bem a tudo isso e que, além do mais, é capaz de se abrir a propostas novas e ajudá-las a que surjam sem impô-las ou monoorientá-las. Já descobriram que o bom "habitat" é o que pode servir até para o contrário do que foi projetado e pensado. Buscam a maneira de viabilizar seus achados e **querem um novo cliente/interlocutor que lhes permita a renúncia e a penitência dos muitos erros do passado.** E é aí que se vêem intrigados e seduzidos frente à fascinadora idéia de trabalharem para comunidades.

Mas o que vêm a ser comunidades? No dicionário de Aurélio Buarque de Holanda, o vocábulo **comunidade** é apresentado como tendo um grande número de significados: qualidade ou estado do que é comum; concordância; posse ou direito em comum; o corpo social, a sociedade; qualquer grupo social habitando a mesma região, submetido a um mesmo governo e compartilhando a mesma herança cultural e histórica; qualquer conjunto populacional considerado como um todo; grupo de pessoas considerado, dentro de uma formação social complexa, em suas características específicas e individualizantes; grupo de pessoas comungando da mesma crença ou ideal; grupo de pessoas obedecendo a uma mesma religião e, por extensão, local por elas habitado; conjunto de populações animais e vegetais integrada em uma mesma área; agrupamento que se caracteriza por forte coesão baseada no consenso espontâneo dos indivíduos.<sup>4</sup>

Se um só dicionário, aliás não especializado em termos sociológicos, atribui tantas interpretações a uma só categoria, duas reflexões se impõem de imediato: 1) — cabem muitas idéias dentro de limites tão imprecisos; 2) — a categoria é daquelas de uso perigoso, pois se a cada momento não for

feita uma remissão ao significado privilegiado no contexto de um discurso dado, há toda possibilidade de manipulações ambíguas e até desonestas, tratando-se gato por lebre, em se lhes atribuindo um mesmo designativo genérico.

Para ficar no último significado apresentado, por ser o mais sociológico, é preciso, desde o início, rever os contornos internos da definição para evitar mal-entendidos. A comunidade seria "um agrupamento", o que já dá margem a várias maneiras de entender o grupo: ou ele é corporativo (pessoas que se identificam a partir da mesma relação com a forma de produção, como no caso de associações profissionais, sindicatos, etc); ou ele é profissional (pessoas que se juntam por acreditarem nas mesmas causas, como nos partidos políticos e associações religiosas); ou ele é de base afetiva (pessoas que enfrentam juntas o problema de reprodução e sobrevivência, como nas famílias nucleares e extensas); ou ele é de base territorial (pessoas que se sentem interligadas por habitarem os mesmos espaços e por fazerem usos dele em comum, como nas vizinhanças, condomínios e bairros). Como se vê, é preciso buscar não apenas a morfologia do agrupar-se, mas também suas causas que podem ser econômicas, sociais, políticas, psicológicas, físicas ou combinações parciais ou totais de tudo isso.

O grupamento se caracterizaria por "forte coesão". Sucede que tais coesões dependem de conjunturas que, na maior parte dos casos, são armadas externamente ao grupo e funcionam como pressões aglutinadoras. Os elementos que se compõem em tais ocasiões são todos oriundos de, ou remetem a uma estrutura ampla da sociedade que em certos casos (exatamente o dos grupos que têm de juntar para se expressar ou se defender em comum) apresenta conflitos mais ou menos agudizados.

O "consenso espontâneo dos indivíduos" não se dá, portanto, em cima de temáticas abstratas e soltas no ar, às quais se recorre como a um manancial generoso. Os indivíduos só abrem mão de suas individualidades quando sentem que não têm outra alternativa para garantir certos aspectos essenciais de sua sobrevivência. Ainda mais, para fazê-lo, recorrem sempre aos modelos de solidariedade, de reconhecimento e de confiança que já têm impressos e testados como modelos culturais garantidos. Não se pode desprezar aí o papel de ritual e tradição sob pena de se cair no intencionalismo ideológico vazio de sentido, aliás tão sedutor para os pensamentos de direita como para os de esquerda. Por cima disso tudo e aumentando a sua complexidade é bom não perder de vista que em sistemas capitalistas baseados no estímulo dos mitos da construção do indivíduo, da competição para o consumo e do ascensionismo social não há um clima muito propício à formação fácil de "comunidades".

Às vezes fico pensando no papel que Hollywood, as revistas em quadrinhos, as calças jeans e a coca-cola, além de uma certa literatura dita sociológica americana, têm a ver com as idéias que afloram à cabeça assim que se ouve falar de comunidade. Nos primórdios da sua história, os EUA foram um país de comunidades. Grupos professando

4. Aurélio Buarque de Holanda — "Novo Dicionário da Língua Portuguesa" — Ed. Nova Fronteira — Rio.

determinados credos religiosos então estranhos e desviantes, se viam obrigados a se desligarem da metrópole inglesa em busca de um novo mundo e novo estilo de vida. A empresa só podia ser tentada em comum, exigia uma solidariedade com disciplinas rígidas que permitissem ao grupo confiar a cada um dos seus membros a tarefa de garantir sua sobrevivência frente a ambientes muito hostis (natureza diferente, solidão e isolamento, conflito com índios, etc). A religião e um sólido sentido de pertinência ao grupo e de obrigações familiares deram margem aos rituais e mitos necessários à formação de interesses comuns.

O tempo se encarregou de sacralizar esta situação que no caso americano foi, em determinadas circunstâncias históricas, uma situação concreta. A afluência que este país experimentou depois, permitiu que se institucionalizasse o mito da comunidade e se o usasse para difusão externa e interna. A classe média americana vive hoje embalada em seu sonho

---

**Isto não é milagre que se resolva  
com o desenho de um raio  
(SHAZAM!)  
entre dois quadrinhos**

---

democrático, imaginando que resolve todos os seus problemas a nível local, como se vivesse ainda em aldeiazinhas, sem perceber que está apenas defendendo e mantendo seus privilégios dentro de uma sociedade muito maior.

Por outro lado é nos mesmos EEUU que vão surgir os problemas trazidos pelas metropolizações e megalopolizações acontecidas a galope. A famosa Escola de Sociologia de Chicago vai despertar para os problemas trazidos por um novo tipo de comunidade. A de origem étnico/espacial. O "ghetto" da grande cidade que cresceu de repente (Chicago, New York, St. Louis...) às custas de absorver levas inteiras de migrantes que vêm para trabalhar e garantir o fantástico desenvolvimento urbano da época e que se mantêm separados e sem se misturarem gerando toda sorte de problemas. Simmel e seus seguidores vão se dedicar a cuidar deste tipo de "stranger community" que vêm sem otimismo e sem bons olhos. Deste novo enfoque vão surgir novos mitos sobre as comunidades indesejáveis e seus perigos dentro da cidade anônima, da cidade selva ecológica dos modelos de Park e Wirth.

A mistura dos conceitos de "boa comunidade" ordeira e construtiva X "má comunidade desenfreada e perigosa" chega aqui como um dado científico, como um instrumento de trabalho que, ao mesmo tempo, é modelo a impor onde isto for viável. Modelo usado e abusado por certas correntes de pensamento de serviço social, por exemplo, de um mal disfarçado reacionarismo.

Eu já havia dito que as comunidades só acontecem quando as populações podem lançar mão dos seus próprios modelos culturais já estabelecidos e que viabilizem a conformação de solidariedades. Não vou entrar em considerações maiores quanto a um possível fenômeno de transformação da sociedade brasileira que estaria se dando no momento, com a passagem de uma organização do tipo vertical hierárquico tradicional para outra do tipo horizontal e dominado pelos modos da moderna produção capitalista. De fato, estamos assistindo na prática quotidiana dos nossos grandes centros urbanos às mais diversas formas de hibridismo, casando os dois modelos. Isto quer dizer que às relações clássicas de patronato, compadrio, redes de amizade e parentesco, se sobrepõem as mais impessoais da especialização técnica, da corporação profissional e das relações de classe marcadas pelas divisões e associações entre capital e força de trabalho.

É importante lembrar, considerações do tipo "ecológico de Chicago" à parte, que na grande cidade há uma tendência

a estabelecer novas formas de relacionamento entre as pessoas e que isto é um corolário natural dos novos desafios econômicos e físicos propostos pelas formas de organização e produção tipicamente urbanas. Mitchell e Bott já exploraram bem o assunto na Inglaterra, enquanto Lomnitz o fez no caso do México. Penso que é válida a transposição de suas conclusões para nossos contextos. Em particular me agrada o uso dos conceitos de redes de malha apertada ou de malha frouxa.

É sabido que nos grupos urbanos complexos, à diferença dos grupos de sociedades mais simples, o indivíduo é instado a representar vários papéis em vários grupos e que pode manter máscaras estanques em cada um de seus desempenhos. No caso da sociedade simples é grande a rigidez dos papéis e o indivíduo é obrigado a ser identificado em todas as ocasiões pelo mesmo grupo, qualquer que seja a personalidade que assuma. Neste sentido, a cidade lhe dá ao mesmo tempo uma grande liberdade de ação e lhe cria um problema de ansiedade por identidade coerente e uma sensação de não-pertinência.

Bott verificou que quanto menor a acessibilidade ao poder em suas diversas facetas por um grupo social e, por consequência, quanto menor a sua mobilidade, maior a sua tendência a reproduzir modelos de malha apertada. A malha apertada significaria maior recorrência a situações de solidariedade familiar e de identificação com grupos de base territorial. Daí resultariam maior rigidez de códigos morais e maiores tendências conservacionistas. Concluo então que estes grupos seriam menos permeáveis às vantagens de morar na cidade, embora reconheça que a impermeabilidade seria a única estratégia possível capaz de garantir a sua sobrevivência. Assim, em casos como estes, tão simbólicos, haveria uma repartição desigual entre os que podem e os que não podem, já que os privilégios da rede de malha larga, aberta e permissiva seriam deixados para os de maior poder econômico e maior nível de informação cultural erudita. Estes poderiam se dar ao luxo de prescindir do apoio e conseqüente vigilância/coerção de instituições como família e vizinhança. Poderiam se utilizar melhor, por força de seu dinheiro e conhecimento de mecanismos mais neutros, de caráter político, institucional e social<sup>5</sup>, menos sufocante e estreitos que os convencionais. Ressalvo que considero os dois modelos igualmente urbanos e que imagino que um só existe porque há o outro.

**Frente ao exposto, devo manifestar minha desconformidade sobre o que andam chamando de "comunidades" nas nossas cidades. Qualquer grupo de bairro, de subúrbio, de favela logo chamado de comunidade da maneira mais frívola. Cabe tudo na designação: uma olhada em um mesmo jornal revelando que há a comunidade do Leblon brigando pelo verde das encostas, que há a comunidade favelada de São Carlos falando de seus problemas, que há uma comunidade em Belém Roxo solicitando mais segurança ao Governo em relação aos crimes da Baixada... e por aí vai.**

5. Seria característico das populações mais afluentes e mais eruditas a desvinculação territorial nas suas atividades dentro do espaço urbano que, neste sentido, seria muito mais imaterial para elas. No caso do Rio, por exemplo, há pessoas que, embora não morando na Zona Sul, se consideram como participantes de seu "ethos", o que significa, em última análise, o acesso a uma série de bens, equipamentos e atividades de forma descompromissada em relação a morar ou não perto deles e a possibilidade de participar de muitos grupos diferentes e manipular em cada um a máscara que for conveniente. Para os mais pobres os horizontes urbanos ficam mais estreitos, a primeira dificuldade sendo mesmo como bem observou Lomnitz, a de se deslocar dentro de um espaço onde as distâncias são enormes e custam muito em tempo e dinheiro. Assim, clubes, igrejas, locais de lazer, de compras, estudo, etc. tendem a ser muito mais os do bairro mesmo, obrigando a situações face a face com exposições continuadas e contribuindo para acentuar a malha apertada. A situação aliás poderia ser vista sob um ângulo positivo se não fosse imposta por alternativas e acentuadora das diferenças de privilégio no desfrutar das vantagens urbanas.

Eu não acredito muito em comunidades no Brasil. Pelo menos não acredito no tipo de conceito de comunidade que nos impingem e que engolimos às vezes ingenuamente, certos de estarmos adotando posições progressistas, da mesma forma que empunhamos com entusiasmo bandeiras como o verde, a ecologia, a preservação do monumento histórico e outras mais de que não lembro. Claro que cada um desses assuntos seria um tema de luta muito meritório, se não traisse, pelo desvinculamento da problemática mais global, uma verdadeira alienação, mascarada de tomada de consciência. Enquanto nos distraímos com os problemas da sociedade (urbana ou mais ampla) vistos de uma forma segmentada, sempre acreditaremos que eles admitem soluções setoriais e que os poderemos resolver assim. Ao mesmo tempo estaremos nos esquivando de fazer a necessária crítica da nossa atuação profissional que é a única forma de dar sentido a pequenas ações (que são obrigatoriamente nossos planos e projetos) e relativizá-las em um jogo complexo de relações estruturais, cuja dinâmica e força nos sobrepõem de muito.

Vou deixar de lado as "comunidades" de gente rica da Zona Sul. No quadro metropolitano padrão do Brasil estas seriam as menos significativas. Além do mais, nunca lidei com elas ou com o que se lhes assemelhasse. Vou tratar dos pobres, massa considerável em qualquer grande cidade ou região metropolitana brasileira.<sup>6</sup>

Para entender qualquer coisa que diga respeito a classes de baixa renda, urbanização e metropolização aceleradas no Brasil é preciso entender as particularidades dos nossos fenômenos migratórios. Então me sinto logo obrigado a fazer uma ponte entre processos de migrações interna no país e a formação de grupos de apoio e solidariedade na cidade grande. Não vou tratar de migração da maneira habitual em que a coisa é vista com contagens estatísticas revelando quantos por cento saem daqui para ali em quanto tempo. Nem me interessará muito desencavar a temática das dependências e dos desequilíbrios regionais. Ainda que reconheça a utilidade desses instrumentos e mecanismos de pensar, vou atacar o assunto por outro ângulo.

---

## Então que papel teriam os técnicos?

### — Servem para algo ou estou propondo um suicídio profissional?

---

Como é que as pessoas de verdade, isto é, os Manoéis, os Joões, os Severinos, as Marias das Dores, as Emílias, etc. saem de onde moram na roça ou nas cidades pequenas do interior e vêm para as grandes cidades e regiões metropolitanas? Por muito tempo ninguém ligou muito para a questão. Ou se via o fenômeno sob uma perspectiva macro e eram levantadas grandes teorias explicativas a nível agregado, ou já se via o indivíduo localizado dentro da cidade desenvolvendo mecanismos de sobrevivência e formas de "habitar" específicas. Entre os dois extremos um hiato que, à falta de

6. Em 1970, um pouco mais de 70% da população economicamente ativa nas regiões metropolitanas brasileiras ganhava menos que 2,25 salários mínimos mensais, de acordo com a publicação do IBGE, "Indicadores Sociais para Áreas Urbanas", publicado no Rio em 1977. A situação descrita para 1970 deve ter se agravado, pois continuou a concentração de renda, paralela a uma diminuição da taxa de crescimento do produto interno e ao aumento demográfico.

maiores explicações, era tido como um impulso automatizado, um tropismo campo/cidade, como se não houvesse uma série de etapas intermediárias e como se Clark Kent virasse Superman de repente.

O fato é que gente de carne e osso, mais o repertório simbólico, conceitual e cultural que costuma acompanhar o conjunto físico, não vira nada assim de repente. Precisa de campo, terreno onde pise, mão que ajude e aprendizado que garanta novas condições de vida. **Isto não é milagre que se resolva com o desenho de um raio (SHAZAM!) entre dois quadrinhos...**

O fenômeno se dá por canais que: 1) têm-se mostrado de uma eficiência superior a qualquer sistema de controle e alocação de população racionalmente planejado no país<sup>7</sup>; 2) são recorrentes e de conhecimento geral, o que demonstra sua validade como mecanismo sócio-cultural para enorme parcela da população brasileira.<sup>8</sup>

Os indivíduos mais jovens, mais fortes e inteligentes nos meios rurais, aqueles mais aptos a venderem com sucesso sua força de trabalho, são os que vêm para a cidade. Este ato de vinda, ainda que pareça uma decisão individual, de fato não o é. Eu o vejo antes como o resultado de uma verdadeira ação logística, em que o indivíduo funciona com o suporte básico de seu grupo e é usado como uma espécie de âncora ou arpão.

São os mais aptos e os mais descompromissados os que vêm para a grande cidade. Esta apresentou até hoje duas portas principais bem definidas: **para os homens, a obra de construção civil; para as mulheres, o quarto de empregada.** Mas, mesmo que essas duas "portas" tenham um ar impessoal, na prática a coisa não é assim. Há todo um sistema informal de comunicações, acionado por parcelas do grupo que já vieram antes. Verdadeiras redes urbano-rurais concorrentes em importância com qualquer rede de informação oficialmente estabelecida (TV ou radinho de pilha, p. ex.). Com o atual tamanho das populações urbanas que, apesar de desconhecermos ingenuamente o fato, mantêm fortes vínculos com as populações rurais,<sup>9</sup> o espectro de possibilidades aumenta muito. São os amigos, os camaradas que escrevem contando que o Metrô está oferecendo trabalho aos montes e que dá até casa e comida, são pessoas de confiança patronizadas por famílias burguesas e de classe média que providenciam moças do interior para o serviço doméstico com a garantia de que "são de família" e por aí vai. Cada leitor que arme o quadro com os casos que conhece no seu dia a dia.

Pois bem, são esses casos do dia a dia que intermediam e possibilitam o milagre que faz a população do país em dez anos<sup>10</sup> passar de predominantemente rural a predominantemente urbana. São eles também que dão a chave para que se entenda enfim como quem mal acabou de chegar, em pouco tempo saiba o essencial para "se virar" na cidade sem

7. Tanto é assim que há muito tempo desperta estudos, análises e tentativas de solução que sempre se revelam fracas em relação à pujança do que se propõem a interpretar ou resolver.

8. Todo o mundo "sabe" como usar o mecanismo, o que evidenciaria o seu caráter cultural igualitário de norte a sul do país.

9. Lomnitz chama a atenção para como no caso do México chegam a se estabelecer fluxos cidade-campo que mudam de direção conforme haja maior abundância num local ou no outro: os parentes ou amigos da cidade mandam dinheiro ou elementos materiais tipicamente urbanos para assistir a sua gente no campo e recebem de volta mão-de-obra suplementar para eventuais necessidades de produção doméstica, alimentos grátis, vestuários mais baratos, etc. Não há evidências de mecanismos iguais no Brasil, mas é bem possível que existam também, virando pelo avesso nossos raciocínios convencionais a respeito.

10. Dado do último censo.

que por isso precise freqüentar nenhuma escola.<sup>11</sup> Os professores estão por toda a parte e dominam um processo de ensino de efeitos fulminantes.

Quem chega trata logo do essencial: garantir o dinheiro mínimo para sobreviver e para mandar de volta, garantindo também a sobrevivência de quem ficou no lugar de origem. Trata também de estabelecer as bases para a sua rede, o que significa novas amizades e reencontro com as antigas. Daí para garantir a localização permanente (barraco de favela, lote de periferia, etc...) é só um passo curto, mas que permite ir longe: casar; trazer a mãe e o pai... Este processo de vinda é muito interessante; funciona como uma sangria feita por um funil seletor. Vão vindo os garantidores do sustento antes, tanto os que produzirão no mercado, quanto os mais aptos a realizar o trabalho doméstico nas duras condições iniciais. Só no final vêm velhos e crianças, consumidores quase que absolutos. Já recolhi, ao longo de minha prática profissional, uma coleção de histórias de vida de favelados e de habitantes pobres de periferias metropolitanas que, com pequenas variantes, contam sempre a mesma coisa. Posso me arriscar portanto a universalizar o modelo que tanto serve para mineiros, como paraibanos ou gaúchos indo para Brasília, Manaus ou São Paulo.

---

### **A moral da técnica é a dos interesses aos quais serve; logo, pensá-la neutra é ilusão**

---

Já imagino que alguém possa estar estranhando como pulei de comunidade para migração e desta para considerações sumárias sobre trajetórias e carreiras de indivíduos nas cidades. Concordo que os pulos são enormes, mas as referências são indispensáveis, pois é por caminhos que se articulam novas redes enquanto se refazem as velhas. É por aí, portanto, que podem ser entendidos como se formam os grupos de gente pobre localizados em nossas cidades.

Eu já fui a pequenas favelas onde todos os que moravam lá vieram da mesma cidade do interior. Em casos de grandes aglomerados (os de dez mil ou mais habitantes) é muito comum se encontrarem famílias extensas inteiras com todo o rol de parentes e contraparentes, além de grupos marcados por uma origem local comum mais ou menos restrita (mesma região, mesmo estado, mesmo município). Autores como Leeds, Machado da Silva e Valladares<sup>12</sup> já chamaram bastante atenção para a importância destas alianças como suporte econômico e social dentro do ambiente urbano.

Parece que nos loteamentos de periferia, mais abertos e aleatórios que as favelas, a situação não se apresenta muito diferente. A descoberta mesma do loteamento e as garantias de aquisição de lotes também se fazem pela manipulação de redes. O resultado é o surgimento de padrões de ocupação do solo muito condicionados por elas.<sup>13</sup>

Seria muito simples porém imaginar que os resultados físicos do "habitat" para as populações de baixa renda estivessem determinados por pré-condições de natureza social.

É claro que quando os pobres chegam na cidade têm de se adaptar ao que ela lhes impõe como suas regras de economia de mercado, de organização hierárquica do espaço e de acessibilidade diferenciada a vantagens e serviços, compreendendo aí possibilidades de trabalho. Manipulação de redes de parentesco e amizade<sup>14</sup> é uma das formas iniciais de suportar o impacto de tudo isto lançando mão de um repertório de instrumentos e mecanismos sociais já conhecidos e viabilizados e capazes de darem uma resposta "à altura". Com o tempo e o assentamento de base local, começam a surgir novas relações sociais já exclusivamente urbanas; as relações primárias tendem a ser substituídas por secundárias.

Ficam assim detectados dois mecanismos associativos em assentamentos habitacionais de baixa renda. Um tradicional e mais "primário" no que concerne a relações diretas por razões de parentesco ou outro tipo de ligação e solidariedade mais conhecidas. O outro mais citadino e "secundário" onde as relações acontecem em um contexto institucional que fornece um campo substitutivo para a família e para as redes mais de malha fechada.<sup>15</sup> É por isso que certas associações religiosas e congregações de culto têm feito tamanho sucesso em favelas e periferias de grandes centros urbanos nos últimos tempos. Elas fornecem espaços intermediários, ampliam as redes muito apertadas e servem de proteção contra o individualismo e a hostilidade excessivos do meio urbano para quem não tem as chaves para a acessibilidade privilegiada às suas vantagens. Além desse tipo de grupo há outros do gênero: clubes; escolas de samba; Associações de Moradores, etc.<sup>16</sup>

Os mecanismos dos dois tipos descritos não são antagônicos ou excludentes. Eles se dão bem juntos, são complementares. É isto que garante que favelas ou outros locais de moradia de baixa renda, ao contrário do que chegaram a pensar os teóricos da marginalidade, não se mostrem apostos ou desvinculados do meio urbano. Em particular os grupos de relações secundárias me parecem muito interessantes. Eles seriam uma prova da inventividade criativa frente à cidade. Seriam cunhas abertas para o exterior ou para o interior conforme a perspectiva em que sejam vistos. Fariam as intermediações amenizadoras e desmentiriam as tendências à "guetificação". Não é de estranhar, portanto, que sejam ambíguos e

---

### **Qualquer um que visite favelas e periferias encontrará aí reproduzidas todas as formas da exploração capitalista do sistema mais amplo, às vezes simplificadas em terríveis caricaturas**

---

11. O que desmente os famosos postulados da teoria de marginalidade que infelizmente fizeram escola e alimentaram a maloria das ideologias relativas à habitação e urbanismo para populações de baixa renda no país. Neste sentido, consultar Perlman, Janice. "O Mito da Marginalidade".

12. Machado da Silva, L.A. — "A Política na Favela"; Leeds, Elizabeth — "Forms of (skuatment) Political Organization"; Valladares, Lícia — "Associações Voluntárias na Favela".

13. De acordo com evidências fornecidas por pesquisas do autor e de alunos do curso de arquitetura da Universidade Federal Fluminense que trabalharam sobre o tema em 1977.

14. Que aliás permeiam a sociedade verticalmente, através das hierarquias de patronato e de compadrio.

15. Cf. a classificação de Bott já referida.

16. Para uma tipologia mais exaustiva das diversas formas de associação em favelas e congêneres, ver Valladares, Lícia — "Associações Voluntárias na Favela".

carregados de maneirismos e de ligações com elementos exógenos.<sup>17</sup>

As Associações de Moradores são o que interessa mais aos objetivos deste artigo. Elas são criadas expressamente para representar, frente a instâncias mais amplas, os interesses dos residentes de um determinado local. Também se propõem a trazer para dentro dele, filtrando-as, determinações que vêm de fora. Fora isto, através das lideranças, têm objetivo, o mais das vezes latente, de representar uma instância de legitimação de hierarquias existentes no interior dos aglomerados.<sup>18</sup>

**Alguns arquitetos deram nos últimos tempos para lançar olhares interessados e cubiosos às Associações de Moradores. Cortejam-nas. Percebem o substrato político das ações dos planejadores e tentam acabar com o mito do "poder real na ponta dos seus lápis de técnicos."<sup>19</sup> Por outro lado, tentam chegar o mais perto possível do que se poderia chamar de interesses da população e da comunidade (sic), dos quais as Associações seriam porta-vozes.**

Porta-vozes talvez um pouco auto-alardeados demais. Frente a uma Associação de Moradores qualquer, há que fazer algumas perguntas básicas, sob pena de, não as fazendo, correr-se o risco de tomar atitudes ingênuas ou pré-compromissadas. Entre tais perguntas incluiria:

- a quem representa?
- quais interesses estão em jogo nela?
- como joga e que papel reserva a cada ator no jogo?
- em que condições pode (ou não...) funcionar?

Leeds, Machado da Silva, Perlman, Valladares e outros autores que se preocuparam com o assunto são unânimes em denunciar o uso incorreto de categorias abrangentes e de sentido vago como **favelado** ou **morador** para indicar grupos grande e altamente diferenciados que teriam como característica comum apenas o fato de viverem em uma mesma área. Esta observação é básica para entender o problema da representatividade e, de certa forma, faz um par com o que disse antes a respeito de relações primárias e secundárias no interior dos aglomerados. Em favelas ou loteamentos periféricos não está um grupo homogêneo que atenda a chamados uniformizadores e que demande em bloco, a menos que se trate de um assunto muito geral que tome a feição determinada em uma conjuntura. No seu estado normal os grupamentos vicinais de populações de baixa renda são constituídos por inúmeros grupos que podem estar separados, entrelaçados, superpostos e, eventualmente, até em conflito.

---

### **Vejo a arquitetura como uma profissão que se fortalece e que se expande no país**

---

17. Carlos Alberto Medina faz uma crítica a esta abertura para o exógeno que é retomada por Machado da Silva. Tendo a concordar mais com o último que percebe melhor que as ligações com elementos e personalidades de fora é manipulada tanto pelos favelados como por qualquer outro ator envolvido e recupera o fenômeno de forma positiva.

18. Machado da Silva chega a falar em "burguesias". Já Lícia Valladares ressalta o papel das Associações como distribuidores de "status" e de papéis relevantes em troca do "trabalho para o bem comum".

19. A expressão é do sociólogo Manuel Castells no livro "Movimentos Sociais Urbanos".

Como se estabelecem alianças e solidariedades e se define o que é "comum" é assunto que dá pano para muita manga. O fato de morar na favela da Rocinha ou no loteamento Jardim Catarina em São Gonçalo é nivelador até que ponto? Em que circunstâncias a categoria morador se sobreporá à pertinência a uma determinada rede de parentesco que "aguenta a barra" em última instância (desemprego, doença, morte), a "panelinhas" que ajudam a "quebrar galhos", a grupos de profissão de fé religiosa (os umbandistas, os testemunhas de Jeová, etc.), a clientelas (econômicas com a conta na birosca, políticos com o cabo eleitoral) e demais etc's?

---

### **Seria terrível que passássemos a ser os doutores da urbanização e da arquitetura dos pobres**

---

Ainda que muita gente boa sonhe em ver moradores de favelas, subúrbios e periferias organizados e incorporados como os membros de uma determinada categoria profissional, a coisa não é assim. Há hierarquias e diferenças sociais por cima de pretensas unidades de vizinhança. O fato de por vezes serem sutis, não as torna menos ferozes. **Qualquer um que visite favelas e periferias encontrará aí reproduzidas todas as formas da exploração capitalista do sistema mais amplo, às vezes simplificadas em terríveis caricaturas.**<sup>20</sup>

O que motiva a ação de um grupo de pessoas atuando em uma Associação de Moradores também é assunto complicado. O desejo de trabalhar pela comunidade é uma fachada larga demais e que acaba por não explicar nada. O mero interesse individual, do contrário, é uma razão muito curta. Se o local tem grupos em oposição, a Associação pode ser, em alguns casos, uma ótima arena para confrontos. Pode também ser a base de um grupo oposto a outro que ocupe uma outra base (neste sentido é muito significativa a divisão que ocorreu em várias favelas quando as Associações de Moradores foram esvaziadas pelo estabelecimento de Comissões de Moradores apontou as Associações como uma das instituições no interior das favelas capazes de distribuir "status" e demonstrou como isto era importante para os favelados. Às vezes as Associações se baseiam em cima do carisma de indivíduos que podem até ser alheios ao ambiente como nos já famosos casos de influência de padres em Brás de Pina e Morro Azul.

A Associação atua em um ou vários campos e constitui-se em si uma arena de luta política. Aqui a política tanto pode referir-se a campos ou temáticas internos como externos. Há modos de atuação conforme às circunstâncias e um jogo contínuo de alianças, onde se destaca a ligação com elementos legitimadores externos. A legitimação pode ser dada por congregação com entidades maiores que atuam em campos mais abrangentes (certas pastorais de Igreja Católica, p. ex.), por busca de "status" oficial junto ao governo (legalização como entidade de interesse público, reconhecimento por órgãos oficiais que tratam do problema), por aliança com grupos profissionais (o trabalho da equipe de arquitetos da Quadra junto à FAFEG<sup>21</sup>, as atuais ligações entre IAB e associações), etc.

20. Aliás não há nenhuma novidade na afirmação. Engels já constata a mesma coisa no livro "Contribución al Problema de la Vivienda".

As lutas empreendidas por uma Associação de Moradores sempre são feitas em nome da comunidade. É como se a "entidade comunidade" estivesse lutando no espaço cedido pela Associação. Na verdade, nos casos que vi de perto como Morro Azul, Brás de Pina e Catumbi<sup>22</sup> era o contrário o que se passava. As Associações se aproveitavam de movimentos surgidos a partir da base (os moradores) e de fato tiravam partido dele. No caso de Brás de Pina isto é tão claro que, na evolução do processo de aproveitamento, vai haver até a hora de divergência clara, em que, passada a conjuntura favorável, a Associação vai denunciar os moradores dizendo que eles a abandonaram sem perceber que ela é que ficara para trás.

Percebo que acabei individualizando a Associação falando dela como se fosse capaz de ações por si. Espero que a liberdade me seja perdoada e que se perceba a intenção metafórica. Eu me refiro à Associação como a uma arena com todos os atores sociais envolvidos nela, tanto os diretos (líderes), como os indiretos em maior ou menor grau entre os quais incluo os conjuntos maiores de moradores. Estes parecem se lembrar das suas Associações e de se engajar nelas quando, em seus movimentos unificantes, precisam de um veículo de expressão. São momentos excepcionais que alguns autores identificam como de tomada de consciência do papel explorador do Estado como uma espécie de "classe" em oposição à dos moradores.<sup>23</sup> Não vou tão longe e acho que esses são apenas momentos de tensão insuportável onde se exigem um desaperto em alguma "válvula de segurança".<sup>24</sup>

---

### Querem um novo cliente/interlocutor que lhe permita a renúncia e a penitência dos muitos erros do passado

---

Os líderes das Associações não fazem a mesma leitura e estão sempre contrapondo o seu altruísmo e a sua dedicação à indiferença e às apatias generalizadas. Já desmistifiquei o altruísmo quando fiz referência à importância das entidades distribuidoras de cargos e títulos fornecedores de "status".<sup>25</sup> Quanto à dedicação, ela não deixa de ter um caráter que só não pode ser chamado de oportunista porque serve bem às conveniências dos dois lados (líderes x população) e por isto pode existir.

É preciso entender que, para além dos campos cuja ligação é mais forte com a arena das Associações, existem outros que possuem com elas apenas alguns pontos em comum. É o

21. Quadra = equipe de arquitetos da qual o autor fez parte e que trabalhou por mais de cinco anos como "advocacy planners" para populações de baixa renda.

FAFEG = Federação das Associações de Favelados do Estado da Guanabara.

22. Esses casos estão descritos no artigo "Três Movimentos Sociais Urbanos" que será publicado em breve pela Revista Religião e Sociedade da Unicamp.

23. Dentre tais autores os mais expressivos são Jordi Borja e Manuel Castells. Vou me abster de discutir suas suposições. Embora as respeito não concordo globalmente com a maneira em que são colocadas.

24. Exploro esta idéia da válvula de segurança no artigo "Transportes de Massa — Condicionadores ou Condicionados?" publicado no nº 144 da Revista de Administração Municipal — IBAM, Rio, 1977.

25. E em alguns casos de certas formas de poder político e até econômico ligadas ao prestígio social. O melhor exemplo disto são as Associações de Moradores e as Comissões de Luz que lidam com muito dinheiro sobre as quais sempre pairam suspeitas de corrupção.

caso do campo profissional do qual fazemos parte enquanto arquitetos. Nas relações destes campos entre si há um contínuo articular e desarticular de forças. Os atores envolvidos fazem e desfazem alianças ao sabor das conveniências políticas. Pensar que, no meio disto, moradores e lideranças de Associações são a parte mais fraca e mais fácil de passar para trás é pensar bobagem, desmentida pelas evidências empíricas. Ocorre-me a respeito uma anedota citada por Perlman onde um líder favelado advertido por um tecnocrata de que estava sendo usado por um político, concordou "da boca para fora" enquanto por dentro pensava: "... esse bobo é quem vê que está sendo usado por nós dois".<sup>26</sup> Recentemente soube de outra estória, a de um presidente de Associação, que após ter sido visitado por uns técnicos "conscientizadores", concordou a um terceiro técnico não envolvido: "... que aqueles meninos eram bonzinhos e que se eles se comportassem bem, até os ajudaria a comprovar o que já parecia saber..."

Quando as Associações funcionam melhor? — As lideranças vivem se queixando de esvaziamento e de desinteresse, fato atestado por vários observadores de reuniões de "gerais" com a presença de meia-dúzia de pessoas ou a existência de enormes listas de associados ou sócios com um pequeno número em dia com os pagamentos e um mesmo ainda freqüentando. No entanto, há ocasiões que as Associações contam com o apoio da maioria das populações que dizem representar. Já me referi a tais ocasiões. São aquelas em que, frente a uma forte pressão externa, os grupos urbanos em uma localidade determinada se reconhecem em um interesse comum. Por grupos estou me referindo desde famílias, até a "patotas", "panelinhas", clientelas, grupos formalizados, etc. As pressões externas são normalmente exercidas por agentes fortes como o poder público ou presas privadas ou mesmo indivíduos que contrariem as necessidades de consumo coletivo de uma facilidade urbana qualquer. O contrariar pode ser tido também por desatendimento como quando o Poder Público não se preocupa em dar o mínimo de atenção a problemas básicos como transporte, abastecimento de água, recolhimento de lixo, etc. Há ocasiões em que a contrariedade é radical, sendo o melhor exemplo o da extinção de favelas, com a mudança forçada dos moradores.

Mas a relação entre pressão e união de moradores em um movimento conduzido pela Associação não é linear. A todo momento surgem diferentes pressões em cima dos grupos urbanos de baixa renda que, nem por isso, se recusam por aí a organizar movimentos. Reconheço, no entanto, que qualquer grupo de vizinhança a potencialidade de organização da massa. Mas é uma potencialidade difusa, uma vez que os interesses comuns se perdem na multiplicidade de interesses de grupos menores (outros campos) ou mesmo indivíduos (o uso das redes de malha larga, propiciado pela existência de um grande). Parece que a pressão externa violenta, (ou mesmo mobilizador) tem que ser respondida com uma reação organizada de luta, intermediado por um catalizador.

O papel do que chamo de catalizador é muito amplo. Ele tem de ser confiável para o grupo o suficiente para mobilizá-lo, e, neste sentido, tem de ser "de dentro". Também tem de ser o suficiente "de fora" para saber como localizar

26. Perlman, Janice — citado no livro "O Mito da Modernidade".

a pressão e como manipulá-la. A intermediação do catalizador tem de ter algum tipo de "passe-livre" frente ao sistema político oficial, para que, pelo menos no início, seja possível alguma ação. A intermediação tem de ser legitimadora e legitimada em relação ao sistema externo. Portanto, sublinhará as relações de dependência do grupo (Associação de Moradores) com a estrutura mais ampla da sociedade.

**Os catalizadores dos movimentos sociais organizados com base em Associações podem ser indivíduos, grupos ou instituições. Podem ser misturas de todos esses elementos. Podem ser mesmo nós, os técnicos. O papel do técnico é muito contraditório. A moral da técnica é a dos interesses aos quais serve; logo, pensá-la neutra é ilusão. A opinião técnica normalmente serve para legitimar decisões arbitrárias do poder. Neste processo, acaba por ganhar um poder próprio, restrito, mas real que pode ser usado em duas direções (oprimir ainda mais as populações pobres ou ajudá-las a expressar seus interesses). O que quero dizer, em resumo, é que a técnica e, por consequência, os técnicos podem apresentar um reforço valioso a certos tipos de movimentos sociais ditos urbanos. Porém é preciso que sejam analisadas as condições em que isso pode ser feito e quais os limites e prováveis perigos da ação.**

Pensar nos movimentos que as Associações empolgam apenas em seus momentos de pique seria enganoso. Esses movimentos são ondulatórios, apresentam vales e calmarias. Além do mais, possuem um caráter cíclico e vicioso. Castells aponta com muita propriedade a natureza de suas reivindicações consumistas frente ao grande provedor dos bens de consumo coletivo urbanos, que podem até ser vistos como verdadeiros "salários indiretos", que é o poder público.<sup>27</sup> Vê-los, porém, somente por esta ótica, pressupõe um absolutismo das lógicas de produção e consumo capitalista em nossas cidades, o que não é verdade. O fato das grandes cidades brasileiras estarem cada dia mais dominadas e apropriadas por modos de produção capitalista modernos, não significa que outros modos não coexistam com eles e que não sejam até necessários à manutenção de sua hegemonia. Da coexistência não muito pacífica, mas muito face a face, de diversas formas de produzir e de variados níveis de consumo em espaços urbanos restritos, onde há uma crônica escassez de recursos frente a uma demanda que cresce em escalada, surgem muitos "espaços" que não podem ser lidos dentro dos códigos econômicos ou economicistas mais dogmáticos. De uma certa forma já me referi a isto ao falar da importância das redes para imigrantes na cidade.

De qualquer jeito, para trabalhar com Associações e com os movimentos que elas pretendem fomentar e conduzir e que, na realidade, dos quais às vezes se apropriam e chegam a conduzir em determinadas fases, é preciso entender as tais características ondulatórias. As reivindicações partem de interesses difusos da população que, frente a um fator de pressão externa, se unificam em interesse comum. Se este interesse encontrar um veículo (normalmente a Associação) e um catalizador que faça a ligação entre "o de dentro" e "o de fora", há um preparo de luta. Preparada a luta, ela pode chegar a se efetivar e a atingir um clímax, o que significa a completa formulação da reivindicação e a proposição das formas, canais e agências para resolvê-la. Aí o poder público (ou, em alguns

casos mais raros, empresas ou indivíduos) pode usar sua força maior no sentido de atender ou de negar o que é pedido. Em qualquer dos casos acontece uma fase de rotinização do movimento que antecede o seu esvaziamento e a posterior volta aos interesses difusos. Por interesses difusos entendam-se os de espírito menos global e formalizado como os diversos grupos e redes no interior do assentamento, ou mesmo o das famílias nucleares ou indivíduos.

**Se um arquiteto vai lidar com Associações de Moradores é bom que leve em conta todo o processo descrito acima para poder se situar e relativizar a sua ação. Vai ter de considerar em particular três aspectos: 1) que terá de encontrar fórmulas que enfrentem os picos e os vales dos movimentos reivindicatórios que constituirão a motivação de seu trabalho; 2) que não encontrará "comunidades", mas algo muito mais complexo, que às vezes poderá ser entendido como um interesse comum, capaz de sobrepassar os muitos interesses dispersos do cotidiano das populações envolvidas; 3) que haverá uma expectativa de que ele assuma o papel do catalizador.**

Quanto ao terceiro aspecto apontado há que chamar a atenção para os perigos que apresenta o papel de catalizador. Expliquei antes que ele pode não ser mais que o mero sublinhador da situação de dependência dos grupos de baixa renda frente às estruturas mais amplas da sociedade. Mas, aceitar isto "in totum", significaria negar qualquer potencialidade transformadora que vá se acumulando a partir dos movimentos nos quais possamos nos envolver. **Se eu imagino que os movimentos se dão através de processos, tenho de admitir que a prática repetida gere memória, seja um aprendizado e um acréscimo cultural.** Se isto for verdade, é por aí que se rompe o círculo vicioso e é aí que o técnico pode superar o fatalismo do seu papel. Ele, com os recursos de domínio de técnicas de pensamento de que dispõe, pode ser o registrador da memória, o intérprete das mudanças advindas da acumulação de experiências, o formulador de hipóteses e previsões. Isto para mim justificaria a mudança de rumo das nossas pranchetas.

---

### **O que de melhor se faz em arquitetura atual não tem nada a ver com pranchetas**

---

Nem tudo é um mar de rosas, porém. Há um perigo muito grande nesta conquista de um novo campo de atuação profissional: é justamente a possibilidade de reificar a conquista. Os arquitetos estão à procura de novas terras para plantar e colher. Ao contrário de certas análises pessimistas, **vejo a arquitetura como uma profissão que se fortalece e que se expande no país**, conquistando novas fronteiras profissionais. As fronteiras antigas, as dos gênios e dos arquitetos de luxo trabalhando para as elites e para a glória de governos e governantes, todo o mundo já admite, estão estreitas e sufocantes demais. Tenho medo deste afã conquistador, que no fundo é uma forma de tecnificar o mundo e "inhabilitar"<sup>28</sup> as pessoas, criando especializações.

**Seria terrível que passássemos a ser os doutores da urbanização e da arquitetura dos pobres**, de modo a que eles não pudessem mais nem expressar o que querem sem a nossa ajuda. Ou que, por trás de todas as nossas boas intenções

27. Castells, Manuel — op. cit.

declaradas, não houvesse mais que um desejo de submetê-los a mais uma dependência, como se eles já não as tivessem de sobra. É bom lembrar que, no caso, a imposição de qualquer valor de fora sempre será marginalizadora, acentuadora das distâncias e tenderá a "pôr cada um no seu lugar". Illich chega a dizer que mesmo os que estão propugnando por uma distribuição mais equitativa das benesses técnicas dentro de nossas sociedades, não estão sendo honestos se não percebem que estarão assim ganhando poder. Não um poder trazido por maiores salários e mais dinheiro (o que seria imputável ao capitalismo), mas um poder de "status" que é significativo em qualquer sociedade burocrático-industrial.

Para resolver o problema do sobe-e-desce típicos não das Associações (igrejas, clubes, etc) e as redes de parentadores, intuo que a saída seria buscar estratégias de trabalho que tivessem dimensões variadas. Em algumas dessas dimensões se contemplaria o que fosse identificável como de interesse comum. Em outras seriam acionados os mecanismos já existentes e eficientes de grupos formais diferentes das Associações (igrejas, clubes, etc) e as redes de parentesco, de amizade e de clientelas. Uma terceira dimensão que permearia todas as outras seria a consideração dos interesses, aspirações e possibilidades dos agrupamentos mínimos (famí-

---

**Se eu imagino que os movimentos  
se dão através de processos,  
tenho de admitir que a prática  
repetida gere memória,  
seja um aprendizado  
e um acréscimo cultural**

---

lias) e até dos indivíduos. Sem que houvesse uma intenção expressa ou mesmo prévia foi o que acabou acontecendo no plano de urbanização da favela de Brás de Pina e que acabou sendo o seu saldo mais positivo.<sup>29</sup> **Ressalvo entretanto que o melhor que aconteceu em Brás de Pina não foi o plano, nem o planejado, mas o que aconteceu por cima, à nossa revelia e, às vezes, para nosso espanto.** Brás de Pina foi de uma excepcionalidade tal que até hoje me espanta que essa experiência já velha de dez anos continue sendo uma novidade, sem que se haja feito posteriormente nada que se lhe compare. Quando tento recuperar o que aconteceu de positivo em Brás de Pina sempre me assusta a dificuldade de formalizar, ou de sequer expressar um roteiro de ação que permita que um trabalho "técnico" incorpore os "desvios" tão bem como aconteceu com aquele. É que esta incorporação não foi obra ou responsabilidade nossa, dos arquitetos e demais plane-

28. Esta expressão é tirada do discurso de Ivan Illich e figura no documento "Tecno-Política" que é um capítulo de um livro a ser publicado pela Editorial Posada, México, em 1978. O profissional "inhabilitante", segundo Illich, é aquele que imporia o poder de sua especialização, impedindo por meios diretos (legais, econômicos) ou indiretos (morais) que as pessoas assumissem diretamente seus problemas e usassem seus repertórios culturais tradicionais para resolvê-los. Illich diz que este poder não é específico de um regime ideológico dado, mas que está ligado a uma visão industrialista do mundo e conseqüentes alienações oriundas da divisão do trabalho e da falta de responsabilidade direta, mesmo nas ações mais cotidianas. O melhor exemplo de profissional "inhabilitante" é o médico, que passou a controlar todas as doenças, a forma de classificá-las e de curá-las e que passou, portanto, de liberal a profissional capaz de exercer um papel tirânico sobre a sociedade.

jadores, foi algo que foi saindo, se fez e que, graças a Deus fugiu maravilhosamente dos nossos controles — Como achar fórmulas e metodologias para isso? Como ensinar a alguém a agir em casos semelhantes? Mesmo que soubesse responder a isso não o faria, por medo da responsabilidade "técnica".

---

**Brás de Pina não foi o plano,  
nem o planejado, mas o que  
aconteceu por cima, à nossa revelia  
e, às vezes, para nosso espanto**

---

Quando participei da 1ª Semana de Debates sobre Rio de Janeiro, fiquei impressionado com as posições que expressas e defendidas pelos líderes de Associações. Mal impressionado é o que quero dizer. Basicamente, os discursos que ouvi se reduziam a dois modelos, todos os dois traindo os ranços que estão por aí, a nível simbólico, representando muito bem o que é o Brasil de hoje. Havia discursos demagógicos, cheios de ufanismos, frases feitas e "picaretagem" totalmente sem sentido e sem nada a ver com o que se pode imaginar que sejam os quotidianos dos pobres em seus locais de moradia. Havia outros cheios de análises pedantes, traindo origens de fora, como se fossem exercícios acadêmicos empobrecidos, falados em português errado e saindo de boca quem idem. Não me iludo com a pretensa consciência desses últimos. Para mim eles estão mais alienados que os primeiros que pelo menos, estão usando recursos muito mais familiares ao povo, que já sabe como se defender deles e como manipulá-los. Era preferível que as coisas a dizer saíssem mais simples, mais honestas. Seria menos elegante e menos gratificante aos nossos ouvidos eruditos. Mas nos ensinaria mais e teria mais efeito para os próprios líderes que se expressavam. Quando penso que a culpa não é deles afinal e que eles não estão usando os NOSSOS modelos, e nossos recursos nas atividades que NÓS, generosamente, estamos abrindo para eles, vejo que de fato, temos muito trabalho pela frente. Um trabalho de desmistificar nosso próprio trabalho, nossos vícios de discurso e de interpretação, nosso falso poder e de admitir francamente que nossa contribuição é mínima e cheia de encantos perigosos.

Convém aqui repetir o que escrevi em um parecer recente que fiz sobre o caso da remoção da favela do Vidigal: **Então que papel teriam os técnicos? — Servem para algo ou estou propondo um suicídio profissional? —** Acho que os técnicos têm de começar, de maneira séria e consciente, a denunciar a nudez do rei, o que pode incluir a verificação da própria nudez. E podem também começar a tentar trabalhar com o problema que têm de enfrentar e não por cima dele. Onde for necessária teoria ou "know-how", ela tem de ser extraída da prática daquela situação concreta, sob pena de sempre servir mal".

29. Quem quiser saber mais sobre Brás de Pina poderá encontrar descrições dos planos e processos lá ocorridos nos seguintes trabalhos: Santos, C.N.N — "Some Considerations About the Possibilities of Squatter Settlement Development Plans".

Blank, Gilda — Dissertação de mestrado apresentada no Curso de Planejamento Urbano e Local da COPPE — U.F.-RJ — 1977. Perlman, Janice — "O Mito da Marginalidade".

Para mim técnica é uma simples questão de aplicar conhecimentos teóricos de maneira prática no mundo empírico — Simples? Só o seria se houvesse de fato conhecimento teórico e isto é coisa que quase não temos. Então, se a ocasião é propícia, é hora de arregaçar as mangas e ir lá com um mínimo de hipóteses e submetê-las à prova de fogo das situações concretas. Isto vai significar envolvimento com reivindicações mais que legítimas de uma enorme quantidade

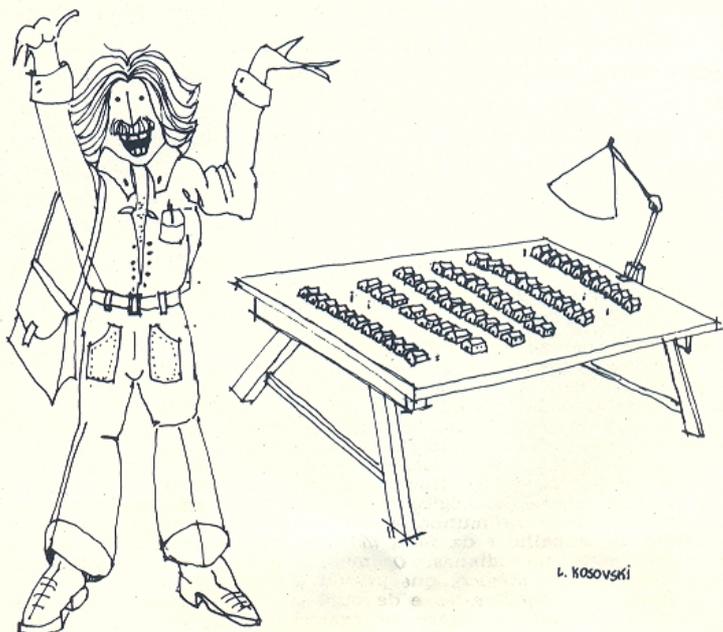
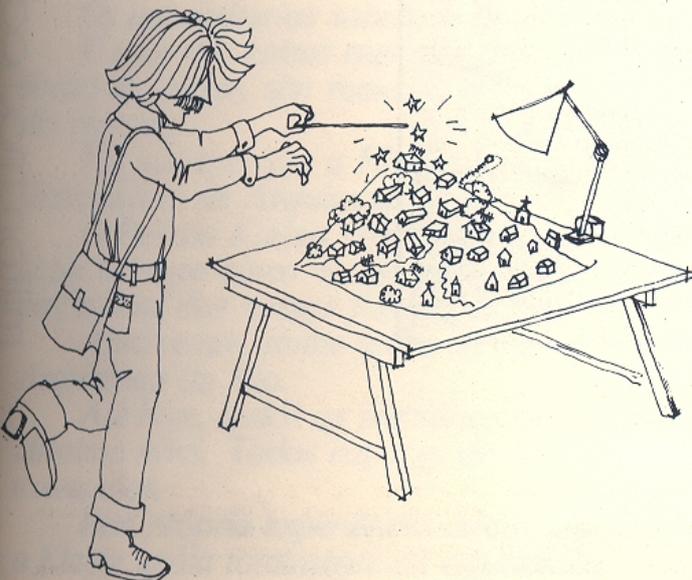
Roteiro de textos para quem quiser se aprofundar no assunto:

- 1) — Castells, Manuel — "La Question Urbaine", Maspero, Paris, 1972.
- 2) — Castells, Manuel — "Movimentos Sociais Urbanos", Siglo Veinteuno de España Editores, Madrid, 1974.
- 3) — Borja, Jordi — "Movimentos Sociais Urbanos", Ediciones Nueva Visión, Bs. As., 1975.
- 4) — Lomnitz, Larissa — "Migration and Network in Latin America". Documento preparado para o "Seminar on New Directions of Urban Research", Institute of Latin America Studies, University of Texas at Austin — Texas, 1974.
- 5) — Bolt, Elizabeth — "Família e Rede Social", Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1976.
- 6) — Mitchell, Clyde — "Social Network in Urban Situations". Manchester University Press, 1969.
- 7) — Wirth, Louis — "Ideological Aspects of Social Disorganization" in "Community Life and Social Policy", The University of Chicago Press, 1956.
- 8) — Wirth, Louis — "Urbanismo como Meio de Vida" in "O Fenômeno Urbano", Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1973.
- 9) — Park, Robert Ezra — "A Cidade: Sugestões para Investigação do Comportamento Humano no Meio Urbano" in "O Fenômeno Urbano". Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1973.
- 10) — Simmel, Georg — "How is society possible?" e "The Stranger" in "Individuality and Social Forms" — The University of Chicago Press, 1971.
- 11) — Machado da Silva, L. Antônio — "A Política na Favela" in Cadernos Brasileiros, ano IX, nº 41, maio/junho, Rio de Janeiro, 1967.
- 12) — Valladares, Lícia — "Associações Voluntárias na Favela", documento apresentado no Simpósio sobre "Favelas Rurais e Favelas Urbanas", na 28ª Reunião Anual da SBPC, Brasília, 1976.
- 13) — Valladares, Lícia — "Favela, Política e Conjunto Residencial" in Revista Dados, nº 12, Rio de Janeiro, 1976.

de pessoas cada vez mais alijadas e discriminadas dentro do espaço das nossas cidades e dentro da nossa estrutura social. Isto vai significar, também, envolvimento político e risco. Como se vê, a direção em que apontam nossas pranchetas é interessante e digna, mas, à semelhança daquele quadrinho didático/religioso que mostra as diferenças entre o caminho do vício e o da virtude, teremos que guiá-las entre abismos e despenhadeiros.

- 14) — Aroeira Neves, Rogério — Relatório sobre Desfavelamento de Cubatão, cópia xerox, BNH, Rio de Janeiro, 1976.
- 15) — Leeds, Elizabeth — "Forms of "squatment" Political Organization: Politics of Control in Brazil" (M.A. thesis), The University of Texas at Austin, 1972, mimeo.
- 16) — Leeds, Anthony e Elizabeth — "Brazil and the Myth of Urban Rurality: Urban Experience, Work and Values in Squatments of Rio de Janeiro and Lima". in Field, A' (ed.) — City and Country in the Third World, Cambridge, Mass, Schenkman Publ. Co., 1970.
- 17) — Medina, C. Alberto — "A Favela como uma Estrutura Atômica: Elementos Descritivos e Construtivos", in América Latina, ano 12, nº 3, jul/set, Rio de Janeiro, 1969.
- 18) — Parisse, Lucien — "Favelas de l'Agglomeration de Rio de Janeiro; Leur Place dans le Processus d'Urbanization" Tese para o doutorado do 3º ciclo, Universidade de Strasbourg, 1970, mimeo.
- 19) — Engels, Friedrich — "Contribución al Problema de La Vivienda"...
- 20) — Perlman, Janice — "O Mito da Marginalidade", Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1977.
- 21) — Blank, Gilda — Experiência de Urbanização de Favela Carioca — Brás de Pina — Dissertação de Mestrado apresentada no curso de planejamento urbano e local da COPPE, 1977.
- 22) — Santos, Carlos Nelson F. — "Some Considerations about the Possibilities of Squatter Settlement Development Plans" — MIT, Cambridge, 1971.
- 24) — Santos, Carlos Nelson F. — "Três Movimentos Sociais Urbanos no Rio de Janeiro" — a ser publicado no nº 2 da Revista Religião e Sociedade, da Unicamp.

● **CARLOS NELSON F. SANTOS** é chefe do Centro de Pesquisas Urbanas do IBAM (Instituto Brasileiro de Administração Municipal) e coordenador do setor de teorização do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia da UFF (Universidade Federal Fluminense).



L. Kosovski